

O território de Zila Mamede: desterritorialização e reterritorialização no espaço

Natália Naíle Bezerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
natalia_naile@hotmail.com

Eugênia Maria Dantas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
eugeniadantas@yahoo.com.br

Este trabalho tem por objetivo analisar e discutir os conceitos geográficos de território, desterritorialização e reterritorialização, encontrado na poesia "Rua Trairi", presente no livro "O Arado" de Zila Mamede. Publicado em 1959, terceiro livro da autora, apresenta um traço marcado pelas lembranças e saudades da infância. O livro tem como pressuposto vislumbrar o território da saudade, espaço que não tem mais acesso devido às mudanças que o tempo causou. Sua poesia, no entanto, tenta resguardar das ruínas do tempo a beleza desse território, por meio de versos, momentos significativos de sua vida. É possível compreender no poema "Rua Trairi" a resistência da autora a uma nova realidade que se forma na cidade, desencadeada pela urbanização em Natal, lugar em que chegou ainda menina. É um mesmo espaço, porém, marcado por vivências e situações diferentes: a infância situada no campo, e a juventude, sendo experimentada na cidade. Uma viagem do rural ao urbano que carrega em si memórias e expressões culturais, religando um tempo e um espaço. Como forma de compreender esse mosaico que se chama território simbólico, trilhamos os versos do poema que tende a revelar a geografia em seu movimento de desterritorialização e reterritorialização inscrita nas palavras e memórias da autora.

Palavras Chaves: Território; cultura; simbolismo.

Introdução

Diante das várias discussões que estimulam e preenchem os estudos da Geografia, compreender o mundo sempre foi uma preocupação e pressuposto do geógrafo, levando em conta aspectos políticos, econômicos e culturais na tentativa de interpretar as transformações corridas no espaço e a influência projetada no homem. No âmbito das Ciências Humanas e Sociais, a interdisciplinaridade, relação entre várias áreas de conhecimento, vem crescendo e ganhando espaço nos estudos acadêmicos. Com isso, a Geografia Humanística Cultural, preocupada com o espaço vivido, torna possível o relacionamento da Geografia com a Literatura/Poesia, uma forma polifônica de fazer uma leitura do espaço.

Assim, este trabalho constitui-se uma oportunidade de dialogar com diferentes campos de conhecimento na busca de respostas a questionamentos em comuns. O poema “Rua Trairi” de Zila Mamede (2005) se constitui a fonte sobre a qual problematizamos a temática do território simbólico, do processo de desterritorialização e reterritorialização. Como uma tentativa de ampliar os horizontes discursivos, esse texto aborda a relação do homem com o território simbólico, destacando aspectos como a afetividade, sentimento de pertencimento, imaginação e memória. Esse sentimento de pertencer ao espaço em que vive, conduz o sujeito a uma trama de emoções e sociabilidade que leva ao enraizamento no espaço.

Dessa forma, a discussão central sobre o território simbólico se revela no fragmento poético de Zila Mamede. O poema é dividido em dois quartetos e dois tercetos que foram analisados no trabalho a partir de sua divisão em estrofes.

O conceito de território

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, qual seja, material e simbólica. O material é o físico, palpável; e o simbólico se insere no campo das relações afetivas, produzindo seus significados. Segundo Haesbaert (2004, p.02), a etimologia da palavra território “parece tão próximo de *terra-territórium* quanto de *térreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com combinação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror”. Essa noção delinea a materialidade do território, ao mesmo tempo em que sugere a ação sobre ele. A vivência no território se estabelece a partir dos processos de apropriação e de domínio sobre o espaço.

Apesar do conceito de território parecer central em diferentes áreas, seu foco varia de acordo com o campo de estudo. Enquanto a Ciência Política enfatiza o poder (na maioria das vezes, ligada a concepção do estado); a Sociologia o enfoca a partir de suas intervenções sociais; já a Psicologia, incorpora o debate sobre a construção da identidade pessoal, relação do indivíduo com o espaço; por fim, a Geografia enfatiza a materialidade do território que resulta da interação sociedade-natureza, a partir da dominação/apropriação do espaço.

Haesbaert (2001) trabalha a noção de território baseada em três vertentes: política, econômica e simbólico-cultural. A última vertente prioriza a dimensão subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, com um olhar de poder, apropriação, valorização em relação ao espaço vivido. O homem se apropria do meio em que vive, delimita seu

espaço e cria o território, campo para suas experiências e ações, Henri Lefebver (1991, p.102) define de a “materialização da existência humana”, em que se constrói a história de um grupo social ou indivíduo. Por ele, podemos navegar pelas intencionalidades das relações sociais que se desenvolve a partir do apego e do poder. O território incorpora o campo simbólico cultural que rege a ação do homem no espaço.

O território é formado por um “conjunto de relações mantidas pelo homem”, conforme explica Raffestin (1988, p.265) que se realizam no cotidiano. Nessa relação, ocorre a territorialização, ou seja, organização do homem no meio em que vive. Isso ocorre acontece, através da linguagem, das regras, da disciplina, da religião, da tecnologia. Nesse campo, os laços afetivos fluem entrelaçando o sujeito no território simbólico, tornando as mudanças, fragmentação e perdas um processo contraditório entre aceitação/negação, conforme veremos na poesia a seguir.

Território simbólico de Zila Mamede

“Nos cubos desse sal que me encarcera
(pedra,silêncios,picaretas,luas,
anoitecidos braços na paisagem)
a duna antiga faz-se pavimento.”

(MAMEDE, 1959, p.23).

A poetisa nascida no ano de 1928 em Nova Palmeira, Paraíba, e crescida em Currais Novos no Rio Grande do Norte desde os seis anos de idade, traz nos versos do poema a própria vida como exemplo. Ainda jovem, por volta dos onze anos, mudou-se para Natal para morar com seu pai, em residência situada a Rua Trairi, tema do seu poema. Na tinta que versa sua escrita descreve toda afeição que carrega no seu coração por um território cheio de lembranças e marcas de um tempo vivido no campo, o seu território simbólico.

Observamos nas palavras do texto poético, no verso “os cubos desse sal que me encarcera” Mamede apresenta sintomas do sentimento de insatisfação com o novo território. Em suas reminiscências poéticas da Rua Trairi, é possível vislumbrar o processo de aceitação/negação que marcará a territorialização/desterritorialização do sujeito em seu processo de deslocamento no espaço. Viver em Natal é trafegar por um cenário de transformações urbanas que estimulam a reflexão das matrizes simbólicas que

enraízam o pertencimento. “A duna antiga, faz-se pavimento”, já não é possível encontrar o espaço para a brincadeira de infância, a materialidade do espaço urbanizado desperta uma nova territorialidade, qual seja, aquela que emerge do território da saudade.

Para Bachelard (1987, p.187), “a poesia nos coloca diante da origem do ser falante”. Na poesia de Zila Mamede podemos perceber o passado se fazendo presente por meio de recordações, sentimentos e sensações que expressa o anseio de que algo foi perdido e nunca mais será recuperado a não ser por meio da construção poética.

Desterritorialização e suas perdas

“Meu chão se muda em novos alicerces,
Sob as pedreiras rasgam-se meus passos;
e a velha grama (pasto de lirismo)
afoga-se nos sulcos das enxadas,”

(MAMEDE, 1959, p.23).

Zila Mamede destaca em suas palavras o sentimento de perda, “meu chão se muda em novos alicerces” isso implica na mudança de território, o que foi um dia, não é mais. “Sob as pedreiras rasgam-se meus passos”, isto é, passos, forçados, pois a mudança de território foi contra sua vontade, e aquela “velha grama (pasto de lirismo) afoga-se nos sulcos da enxada” uma enxada simbólica que acaba com suas boas vivências e esperança de voltar ao campo. É visível a dor que a poeta sente ao mudar de território, é uma perda que traz doloroso sentimento de vazio.

Dessa maneira, quando falamos em desterritorialização rapidamente associamos ao vazio, ausência, perdas e prejuízos, algo que nos foi tirado, costumes, hábitos e expressões que deixamos para trás. Uma jovem que deixa seu país lança um olhar estrangeiro no “novo” território. Práticas, costumes, comidas típicas não tem mais acesso, conversar no final da tarde na calçada, não faz mais parte de sua rotina, torna-se apenas lembranças. Este breve exemplo assemelha-se a trajetória de Zila Mamede, são sentimentos de perda do território, conhecido como desterritorialização.

Haesbaert (1994) trata esse processo como “mito” e o descreve como multiterritorialidade, combinação de múltiplos territórios. Afirma ainda que no momento

que o indivíduo se separa de um território, automaticamente está inserido em outro, sem chance de estar totalmente desterritorializado e sintetiza: “a desterritorialização manifesta-se num processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo” (HAESBAERT,1994 p. 214). Pode-se concluir que é na verdade, a descontinuidade que provoca mudanças e deslocamentos, e que apesar de ser doloroso conforme expressa os versos da poesia, leva a um processo chamado de reterritorialização.

Reterritorialização

“nas ânsias do caminho vertical.

Ao sono das areias abandonam- se
nesta rua vívidos fantasmas.”

(MAMEDE, 1959, p.23)

No processo de acomodação, adaptação, reconstrução da identidade, o sujeito busca enxergar referenciais antigos no “novo” território. “A vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando outros” (Haesbaert 2004) Por mais que estudos busquem separar esses movimentos de desterritorialização e reterritorialização, sempre esses processos irão se integrar. Quando ocorre a desterritorialização, quebra de vínculo, automaticamente o homem precisa vincular-se a outro, mesmo que seja precariamente, o homem está inserido em um território, ou seja, toda desterritorialização é precedido de uma reterritorialização.

No poema, o verso “ao sono das areias abandonam-se nesta rua vívidos fantasmas”, percebe-se a necessidade de (re)começar a integrar-se no território, deixando o passado adormecido no sono das areias. No entanto, de modo dialógico a saudade voltará como um fantasma alimentando as novas territorialidades.

Assim, por mais que ocorra a negação, e resistência à mudança, a reterritorialização acontece. O território simbólico dessa perspectiva passa a ser o encontro entre a mudança e a permanência, o fantasma e a realidade, a desterritorialização e a reterritorialização. É na diversidade desses encontros que se constrói novos desafios, novos laços, emoções, novas identidades. Isso significa que o território simbólico é marcado pelas referências que o sujeito cria com o espaço.

Assim, Zila Mamede usa a poesia como forma de resgatar o passado priorizando a falta que sente de um tempo vivido. Finaliza seu poema com uma estrofe marcante em que diz:

“de seus rios-meninos que descalços

apascentavam lamas e enxurradas.

Meu chão de agora: a rua está calçada”.

(MAMEDE, 1959, p.23)

Encontra-se inserida em uma nova realidade o chão que antes apascentava lamas e enxurradas, agora está calçado. Um ciclo se encerra e leva o tempo de uma menina no campo, que “agora”, moça, vive na cidade, cidade urbanizada, que na emergência de seu crescimento afoga um passado de liberdade, sonhos, brincadeiras, luas que no seu céu sobrevivia e na sua falta, usa a poesia como antídoto da urgência de buscar o território da saudade que proporcionava a liberdade de menina. (FIGURA 01).

Figura 1:

Fonte: www.google.com.br



Considerações Finais

Trabalhar a geografia e a poesia constitui-se um desafio de tentar vislumbrar os conceitos desta ciência por trás das palavras. Isto se constitui uma busca muitas vezes complexa, visto que precisamos mergulhar nos pensamentos e ideias do autor, no sentido de compreender a interpretação das ideias que se entrelaçam entre os conceitos e versos. Brousseau (1996 p. 20) considera os poetas “melhores para ler o mundo, pois exprimem melhor o sentimento de geograficidade” relação que temos com o mundo através dos espaços, lugares e paisagens. E complementa expressando que “esses romances permitem, sobretudo, destacar melhor a personalidade de uma região oferecendo uma síntese, um retrato vivo da unidade do lugar e do povo, que com frequência não se faz presente nos textos geográficos”. (BROUSSEAU, 1996, p. 20). Essa unidade do território, que não se faz tão presente nos textos geográficos, é o que priorizamos na poesia, na tentativa de resgatar e encontrar aspectos dessa ciência, tornando o conhecimento um caminho de encantamento e prazer. Para percorrer esse caminho nos reportamos em Haesbaert e os conceitos de território, território simbólico, desterritorialização e reterritorialização. Baseado nesses estudos, encontramos no poema Rua Trairi, o território simbólico que marcou a vida de Zila Mamede na sua infância, símbolos, imagens e aspectos culturais, valores, talvez invisíveis, que se materializam e incorporam-se no cotidiano dando sentido ao território.

Enfim, de todas as análises apontadas podemos concluir, que o território se forma através da apropriação do homem no espaço, um sentimento de pertencimento. A sua ausência conhecida como desterritorialização, perda, falta do território, antecede a reterritorialização que atua como importante estratégia de reconstruir e buscar antigos e novos referenciais produzindo um espaço simbólico, uma perspectiva inovadora de estabelecer novos vínculos no plano vivido. Para que isso aconteça é necessário usar meios que possibilitem o ajustamento. Zila Mamede usou a poesia como forma de resgatar, “arar” os sentimentos e trazer do passado um pouco do que viveu (Grifo nosso). No primeiro momento o seu território, o campo, foi perdido com a vinda pra Natal (desterritorialização). No segundo momento, no poema observamos o sentimento de aversão por não poder mudar a sua realidade e voltar ao campo. O terceiro momento, favorece a reterritorialização a vida se transforma, transformando o território. Remexendo no passado, as lembranças voltam e alimentam o presente, fazendo trafegar a materialidade e a imaterialidade que tramam as vivências no espaço.

Referências

BACHELARD. **Os Pensadores**. 1 edição. São Paulo: Abril cultural, 1972

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOSSÉ, Mathias Le. As Questões de Identidade em geografia Cultural- algumas concepções contemporâneas. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAL, Zeny (orgs). **Paisagens, textos e Identidades**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2004.

BROSSEAU, Marc. Des romans géographes. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAL, Zeny (orgs). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2007.

HAESBAERT, Rogério da Costa. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **O Mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. Identidades Territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1999.

_____. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M. *et al.* **Território, territórios**: ensaios sobre ordenamento territorial. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 43-70.

Lefebvre, Henri 1991 **The Production of Space** (Cambridge: Blackwell Publishers).

MAMEDE, Zila. **O Arado**. Poesia. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

MARANDOLA Jr. Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). **Geografia e literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, Edward c. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Geografia. Vol 4, n. 7, 1979.